

Apontamentos para um Estudo de Economia Agrária num Município da Zona Agreste de Pernambuco: Agrestina.

Colette Callier-Boisvert *
CNRS - Paris

INTRODUÇÃO

No Estado de Pernambuco, a zona do Agreste não é apenas uma região de transição entre a zona da Mata e o Sertão, é também uma região que tem feições próprias. No Agreste domina a pequena propriedade, onde se pratica a policultura e uma atividade pecuária semi-extensiva. A população na maior parte é constituída por pequenos e médios agricultores, com um gênero de vida mais ou menos idêntico. O Agreste desempenha um papel fundamental no equilíbrio do Nordeste, já que abastece as populações concentradas no litoral (1).

Para fazer uma análise pormenorizada da exploração e valorização das terras dessa região, escolhemos o exemplo representativo do município de Agrestina, situado a uns vin-

(*) — Bolsista da Sorbonne no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

(1) — Ver Manuel Correia de Andrade, *A Terra e o Homem no Nordeste*.

te quilômetros ao sul de Caruaru (2). Com efeito se encontram neste município de 127 km² as duas zonas características do Agreste: o Brejo e a Caatinga (3); a primeira, mais úmida, se estende pelos cumes e encostas das serras do norte do município (Serra da Quitéria, Serra do Mendes etc.) e pelos vales dos rios que descem das mesmas serras. A segunda, mais seca e com vegetação própria de um clima semi-árido nos planaltos do centro e do sul do município. A economia é baseada na policultura e na pecuária semi-extensiva. A produção é dirigida sobretudo para os centros urbanos de Caruaru e Recife.

Como o conjunto do Agreste (4), a área do município de Agrestina é de povoamento recente e muito disperso. A primeira sesmaria foi concedida no fim do século XVIII (5) para criação de gado. Mas é provável que a região só foi realmente povoada a partir de princípios do século XIX. No local da sede do município atual se encontrava um bebedouro muito conhecido dos sertanejos; alguns dos quais ali se fixaram em 1845 na ocasião de uma seca. No ano seguinte construíram uma capela dedicada a Santo Antônio, padroeiro da cidade de Agrestina. Lugar, depois Vila da vizinha cidade de Altinho, o município foi criado em 1928. Desde o

(2) — A pesquisa no campo foi realizada de novembro 1965 a novembro 1966, graças a um subsídio do CNRS de Paris. Devemos agradecer ao IJNPS e especialmente ao seu Presidente o Prof. Dr. Gilberto Freyre, assim como o ex-Diretor-Executivo Dr. Mauro Mota pela benevolência com que favoreceram este trabalho e pela assistência material que forneceram. Estende-se o meu agradecimento à toda população de Agrestina pela simpatia e o interesse com que me acolheu, e em particular ao Diretor da Cooperativa Agro-Pecuária, o deputado estadual Elias Libânio Silva Ribeiro, ao Dr. Afrânio Barros de Assunção, ao Dr. Pedro de Alcântara Guilherme de Azevedo Lira, e ao Agente de Estatística Mário Tabosa. Enfim agradeço às quatro alunas do Curso de Sociologia Política do 2.º Ano, do Instituto de Ciências Políticas e Sociais do Recife Inalda Helcine Lira de Siqueira, Jacireima Bernardo, Margarida Barbosa de Santana, e Myriam a simpática ajuda que me prestaram na coleta das informações.

(3) — Ver Manuel Correia de Andrade, obra citada e *"A Pecuária no Agreste pernambucano"*.

(4) — Ver Manuel Correia de Andrade, obras citadas.

(5) — Doação de terras abrangendo grande parte do município atual em 1770 a Francisco Soares Quintão, *D.H.P. Sesmarias*, Vol V, pp. 61-62. Ver Anexo 1.

início até ao ano de 1943, a povoação chamou-se Bebedouro. Depois passou a chamar-se Agrestina (6). Mas a população não foi constituída unicamente por sertanejos. Alguns, decerto, vieram do Sertão, fugindo da seca; na maioria descendentes de portugueses, agricultores e pequenos criadores de gado, às vezes artífices (oleiros, tecedeiras de Barra do Chata, chocalheiros de Sta. Tereza, correeiros). Mas também outros vieram da zona da Mata, fugindo do desemprego resultante da crise do açúcar e do superpovoamento, muitos deles pretos ou mulatos. Uns e outros eram bastantes vezes, posseiros, a procura de terras livres para fazer roças e criar gado. Deslocaram-se por esta área enquanto encontraram terras livres. Há uns trinta anos estes posseiros se fixaram nas terras que exploravam obtendo títulos de propriedade. Assim 72,5% dos agricultores de Agrestina matriculados na Cooperativa Agro-Pecuária (7) nasceram no município, 24,6% no Estado de Pernambuco — quase sempre nos municípios circunvizinhos — e apenas 2,9% nos outros Estados. O município tem 13.150 habitantes, dos quais 2.639 moram na sede, segundo o Censo Escolar de 1965. Dadas as condições de exploração da terra, o município parece saturado do ponto de vista populacional. Uma parte dos habitantes migra para os Estados do Sul. Os recém-chegados são naturais de municípios vizinhos.

A ocupação e a exploração das terras não diferem do que foi observado em outras áreas do Agreste (8). Desde o início a terra foi ocupada extensiva e esporadicamente tanto por grandes proprietários como por posseiros. A valorização das terras variou consoante o aproveitamento: engorda do gado para os senhores de engenho da Mata, abastecimento dos vaqueiros e suas famílias, e na segunda metade do século XIX,

(6) — Enciclopédia dos municípios brasileiros.

(7) — Cooperativa Agro-Pecuária de Agrestina, fundada em 1938. Funciona como caixa de depósito e conta corrente para os comerciantes e a maioria dos fazendeiros e agricultores. Fornece créditos aos agricultores. Tinha 1636 sócios em janeiro de 1966.

(8) — Manuel Corrcia de Andrade, obras citadas.

produção de café e de algodão. A cultura de algodão, podendo ser praticada pela gente mais pobre, favoreceu o povoamento e contribuiu para a formação de pequenas povoações. Assim Agrestina chegou a crescer bastante para atrair a partir de 1872 negociantes vindos de Caruaru, por exemplo a Firma João Guilherme de Azevedo Lira, e para possuir uma fábrica de Cigarros (fumo desfiado e picado), uma fábrica de Calçados, uma Fábrica de Cutelaria, foices e pequenos instrumentos de lavoura. Criou-se até um grêmio literário dançante que funcionava quinzenalmente. Em 1884 se estabeleceu um farmacêutico francês. A pecuária recebe novo impulso nos princípios do século XX. Mas só à volta de 1960 aparecem no município métodos de criação modernos. As culturas para exportação se estabilizam e as culturas de subsistência são diversificadas com o fim de abastecer os mercados de Caruaru e do Recife.

Uma das características mais notáveis do Agreste é a divisão da propriedade fundiária. Domina a pequena propriedade apesar de ocupar apenas uma quarta parte da superfície, como se pode ver pela tabela seguinte:

Tabela 1

Número e extensão dos estabelecimentos na zona Agreste

Estabelecimentos (ha)	% do total	% da área
— 10	87,19	26,19
10 a — 100	11,65	34,73
100 a — 1000	1,11	31,68
+ de 1000	0,29	6,86

Fonte: Manuel Correia de Andrade, "Estrutura fundiária e tipos de exploração agrícola em Pernambuco".

No município de Agrestina, a terra é ainda mais dividida, já que 91,8% dos estabelecimentos têm superfícies inferiores a 10 ha, e representam menos da terça parte da superfície total.

Tabela 2

Número e extensão dos estabelecimentos no município de Agrestina, 1960.

Estabelecimentos (ha)	n.º abs.	área (ha)
— 10	2.004	3.977
10 a — 100	158	4.076
100 a — 1000	21	5.858
T	2.183	13.911

Fonte: Sinopse do Censo Agrícola. VII Recenseamento Geral do Brasil 1960.

Ao comparar os resultados do Censo de 1960 com os do Censo de 1950, se observa que o número dos estabelecimentos quase duplicou, sem que se note um aumento comparável da superfície total dos estabelecimentos.

Tabela 3

Número e superfície dos estabelecimentos no município de Agrestina.

Estabelecimentos (ha)	1950			1960		
	n.º abs.	%	área	n.º abs.	%	área
— 10	1075	86,6	3.296	2004	91,8	3977
10 a — 100	158	12,7	4.324	158	7,2	4076
100 a — 1000	10	0,8	2.836	21	0,9	5858
T	1243		10.456	2183		13.911

Dois fatos são de salientar:

- 1) o aumento do número dos estabelecimentos inferiores a 10 ha, sem aumento proporcional da superfície. Houve desmembramento da pequena propriedade em minifúndio ou "microfúndio".
- 2) o número de estabelecimentos de 100 a — 1000 ha duplicou, ao mesmo tempo que a superfície. É pois a grande propriedade geralmente destinada à criação de gado a que aproveitou a extensão das terras exploradas.

Esta evolução das estruturas agrárias pode explicar-se pelo sistema de exploração da terra e suas orientações atuais. Como em todas as regiões de economia mista, agricultura e pecuária estão intimamente ligadas. Começaremos pois nosso estudo analisando as condições particulares da pecuária nesta região, por ser esta atividade a mais antiga. Depois estudaremos os vários tipos de culturas característicos de uma agricultura de subsistência praticada pelo pequeno produtor, tais como as culturas para exportação que desempenharam um papel importante no século passado para o desenvolvimento do município e continuam sendo apreciável fonte de riqueza.

Com efeito, a quase totalidade dos recursos do município de Agrestina provêm da pecuária e da agricultura. Não existe atividade industrial, a não ser uma fábrica de tijolos e telhas que começou a funcionar em março de 1965 empregando 39 operários, e cuja produção é vendida em Caruaru e nos municípios vizinhos.

ASPECTOS E EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE PECUÁRIA

A pecuária no município como em toda a zona do Agreste é atividade anterior à agricultura, mas foi prejudicada pelo aparecimento das culturas de exportação, o algodão e o café. A decadência dessas culturas contribuiu para que a pecuária saísse do estado de estagnação. Começou a se desenvolver no

princípio do século XX graças à introdução de melhores reprodutores Zebus, Schwytz e holandeses, e a providências decididas pelo governo com o fim de melhorar as condições de higiene e alimentação. Em Agrestina a organização da pecuária para conseguir o aumento da produção de carne ou de leite iniciou-se uns dez anos atrás e incentivou-se a partir dos anos 60 com a propagação das pastagens artificiais e a construção de barreiros e açudes. (9)

Pode-se estabelecer uma tipologia das fazendas encontradas no município de Agrestina segundo vários critérios:

- a) a extensão da propriedade e o número de cabeças.
- b) o equipamento da fazenda.
- c) o tipo da pecuária.
- d) a forma de exploração da fazenda.

Não dispondo de cadastro completo, (10) é-nos impossível aplicar sistematicamente o primeiro critério. Incluiremos num primeiro grupo as fazendas de 80 a 120 ha, com 60 a 100 cabeças. É o grupo mais numeroso e as fazendas são geralmente mistas. Num segundo grupo as fazendas que são quase exclusivamente orientadas para a criação, de 120 a 300 ha com 100 a 200 cabeças. Num terceiro, as fazendas, unicamente dedicadas à criação, de mais de 300 a 800 ha de extensão, com armento atingindo 1.000 cabeças. Este grupo é formado por uma maioria de propriedades que se foram constituindo há vinte anos a esta parte.

Mais significativo é o segundo critério. O equipamento de base de toda a fazenda consta de uma cocheira, onde se distribui a ração e de um ou vários currais, via de regra de pau-a-pique. O gado é criado em "mangas" (cercados) cer-

(9) — Devemos assinalar como caso isolado a fundação, há alguns anos, de uma granja onde se faz a criação de galinhas em chocadeiras, segundo as técnicas mais modernas. Esta granja pertence a um médico de Caruaru.

(10) — O cadastro do IBRA inclui apenas 40% dos proprietários.

çadas de arame e aveloz ou arame farpado. Cada fazenda possui um ou vários barreiros que são depressões de proporções variadas, cavadas no solo pelo homem, um ou vários açudes, formados por um rio que os proprietários represam. A diferença no equipamento das fazendas se estabelece segundo a presença ou a ausência de um estábulo de tipo moderno com abrigo e cochos suficientes (existe uma dúzia em todo o município), segundo o número de currais para apartar os bezeros, ordenhar as vacas, vacinar ou ferrar o gado, segundo a presença ou a ausência de instalações apropriadas para banho carrapaticido, de máquina de cortar ração (existe na maioria das fazendas do grupo 2 e 3) cuja existência depende da eletrificação. Nem todo o município recebe a energia elétrica de Paulo Afonso. Em dezembro de 1965, duas vilas e um povoado foram eletrificados. Via de regra, os fazendeiros em vez de comprar um motor esperam a eletrificação. Tanto o estábulo com abrigo e vários compartimentos, como a máquina de cortar ração são melhoramentos recentes. O uso da máquina de cortar ração expande-se em Agrestina há dois anos. Apenas três fazendeiros possuem tratores (o 1.º o comprou há dois anos, o 3.º há três meses). Quase não se utiliza o arado puxado a bois na área do município. A enxada e a estrovenga, juntamente com a foice e o machado são os únicos instrumentos agrícolas. Para o carregamento, usa-se o carro de boi. Os três tratores que pertencem ao Serviço de Produção Vegetal do Estado (Fomento) são insuficientes para atender aos pedidos de todos os proprietários que os requerem para trabalhos de aração ou construção de açude.

É de observar que nesse estado de equipamento, o município de Agrestina não difere muito dos municípios vizinhos, a não ser o de Caruaru, muito mais desenvolvido e o de Cupira, essencialmente orientado para a pecuária.

Outro elemento de diferenciação importante no equipamento da fazenda é a existência e a extensão das pastagens artificiais. Em toda a fazenda atualmente se encontra plantio

de cana de forragem e de palma, que se difundiram nessa zona há 8 anos. Há uns cinco anos plantam-se capim de corte e de pisoteio: o elefante, o sempre-verde, o colômbio, o Guiné, o pangola e pangolão são os mais apreciados, sendo o sempre-verde e o pangola os que dão os melhores resultados. São plantados em mangas cercadas, e vêm completar o capim natural: a milhã que nasce com as trovoadas de janeiro-fevereiro, e o capim de raiz que cresce depois deste, a partir de abril-maio. O hábito de dar ração ao gado, especialmente às vacas leiteiras, e a expansão das pastagens artificiais, determinam a evolução da pecuária extensiva para a pecuária extensiva melhorada e a semi-extensiva, em particular nas fazendas do 2.º grupo. Com efeito, as maiores fazendas em extensão não são sempre bem valorizadas. Intervém aqui o terceiro critério de diferenciação: o tipo da pecuária.

Tem dois tipos de pecuária: — a pecuária de cria que, via de regra, é também pecuária de leite, — a pecuária de compra e venda ou de engorda. Uma é de rendimento lento, porém seguro, outra de especulação.

O primeiro tipo de pecuária é o mais vulgar entre os fazendeiros pequenos e médios. O fazendeiro conserva uma parte importante do rebanho em vacas leiteiras, geralmente de raça mista. Existe na sede do município um coletor de leite (11) que diariamente leva em caminhão o leite de todo o município para as fábricas de laticínios de Caruaru. O fazendeiro vende para o corte ou para engorda as reses defeituosas e os bezerros nascidos no ano anterior. É de notar uma forma particular de pecuária de cria que é a criação de reprodutores. Um fazendeiro se especializou na criação de reprodutores das raças Gir e Indu-Brasil. O segundo tipo de pecuária, a de compra e venda ou de engorda é praticado por alguns grandes fazendeiros — uns oito. Eles compram

(11) — Era fabricante de queijo coalhado até 1959. Preferiu vender o leite em Caruaru por render mais. A produção diária de leite varia de 3.000 litros no inverno a 600 litros no fim do verão.

no princípio do inverno numerosas cabeças para as vender depois de engordar, a partir do mês de setembro, aos boia-deiros que por sua vez as vendem separadamente aos marchantes. Um fazendeiro que pratica esta forma de pecuária possui um rebanho que varia de 1.500 cabeças no princípio do inverno a 900 no verão.

Esta diferenciação não é tão sistemática. Quase todo o fazendeiro pequeno e médio, reserva uma parte do gado para "fazer negócios" de compra e venda. Mas é na comparação entre algumas reses e centenas de reses que se nota a diferença de orientação da pecuária. Da mesma maneira, nem todo o fazendeiro que se dedica à cria vende leite. Apenas os que podem dar ração, o que significa, comprar farelo, possuir máquina de cortar ração e vários plantios para balancear a ração, ou os que possuem pastagens de ótima categoria, situadas em pés-de-serra e em zonas altas, se dedicam a produção de leite.

Existe outra forma de criação que deve ser apontada. A criação que Manuel Correia de Andrade assinala como sendo de "gado de corda". Pequenos proprietários e foreiros criam uma ou duas vacas para fornecer o leite à família e complementar o orçamento com a venda dos bezerros ou compram bezerros de 12 a 18 meses na feira e os engordam para o açougue. O animal, preso a uma corda, é colocado no dia nos pontos onde não há cultura ou recebe ração. Na ocasião da venda, sua carne é mais valorizada do que a do animal "de solta", sendo preferida para a fabricação de carne de sol. É esse tipo de criação que o governo pretendeu incentivar com a "operação vaquinha". Em junho de 1965, foram distribuídas vinte vacas entre pequenos agricultores do município que pagaram Cr\$ 20.000 (12) de entrada ou seja 10%, e que têm um prazo de três anos para completar o pagamento.

(12) — No presente estudo todos os preços e quantias são indicados em cruzeiros antigos.

O último critério de diferenciação no sistema de criação é a forma de exploração da fazenda. Existem dois tipos de fazendeiros: o fazendeiro pequeno ou médio (e alguns entre os grandes do município), que dirige em pessoa a fazenda e executa os principais afazeres com a ajuda da família: vacinar, ferrar, apartar e ordenhar; e o fazendeiro "Doutor" ou funcionário público, que dirige a fazenda mas que tem um administrador encarregado das tarefas. Geralmente, ele não mora na fazenda, que passa a ser considerada como residência secundária, de fim de semana ou de férias. O "administrador" em Agrestina exerce as atividades de vaqueiro, tratando do gado com a ajuda dos filhos; dirige também os trabalhos dos moradores e dos trabalhadores avulsos que ele mesmo procura para as atividades que não se referem diretamente à criação, como a construção e o conserto de cercas; e as plantações de cana, palma e capim. Via de regra, as maiores fazendas têm três ou quatro moradores. O morador não é empregado; recebe uma casa com um pedaço de terra, tem direito à água, à lenha e algumas vezes ao leite da fazenda. Conforme o fazendeiro, pode ou não pode possuir um cavalo e criar gado, porco e cabra. Deve dar um serviço de dois a quatro dias por semana, recebendo diária ou um salário fixo. Existem diversas formas de pagamento. Ainda em uso é a diária que varia segundo o serviço exigido, numa média de Cr\$ 1.000 com a "mesada" ou a "mesa" que corresponde a duas refeições. Administrador e vaqueiro recebem um salário, geralmente inferior ao salário mínimo vigente na região (Cr\$ 37.200 para a zona Agreste e o Sertão até março de 1966). O Administrador não tem participação nos lucros, mas desfruta de vantagens que variam consoante o fazendeiro. Fazer empreitada com o morador ou com o trabalhador é o uso que mais vigora atualmente. O fazendeiro concede um trabalho determinado por um preço fixo, por exemplo Cr\$ 25.000 para roçar ("brocar") um quadro de

50 x 50 braças (12.000 m²). O morador ou o trabalhador faz então o serviço sem limite de tempo com a ajuda da família.

A orientação dada à fazenda depende do tipo de fazendeiro. O primeiro que participa em pessoa das atividades da fazenda, será muitas vezes rotineiro e desconfiado diante das inovações do segundo, mais aberto às experiências novas. É através do segundo que se está divulgando o capim pangola, a construção de estábulos de tipo moderno, e que se generalizou a máquina de cortar ração. O segundo vacina todo o gado, enquanto o primeiro fica ainda muitas vezes receoso diante do uso das vacinas.

Um estudo mais pormenorizado de uma fazenda é necessário para ilustrar a situação da pecuária no município de Agrestina. A fazenda escolhida pertence ao segundo grupo pela extensão e o número de cabeças e pela orientação dada à exploração.

A Fazenda R. tem 330 ha ou 250 quadros, divididos em cinco "mangas", seis capineiras, um pátio, uma horta de fruteiras de menos de 2 quadros e uma porção de mata de 30 a 40 quadros de extensão. Dois riachos e dois açudes fornecem a água necessária. Cada manga e cada capineira é cercada com arame farpado ou arame e aveloz. O pátio é um vasto cercado de pasto sem árvores. O capim natural é a milhã que cresce de janeiro-fevereiro até julho seguido pelo capim raiz. O capim artificial de pisoteio é o sempre-verde que o fazendeiro trouxe de Alagoas há uns 12 anos. Plantou 27 quadros. Desde o ano anterior, plantou meio quadro de pangola (capim de pisoteio) e 2 quadros de capim elefante para o corte; além disso fez há uns dez anos um plantio de palma, de 30 quadros e há uns cinco anos um plantio de 2 quadros de cana.

O equipamento da fazenda é reduzido, já que não há eletricidade nessa área. O estábulo consta de uma cocheira

de dois cochos para quinze vacas, com abrigo que foi construído em 1964. O curral é de pau-a-pique. Não tem máquina de cortar ração, nem trator. Existe um abrigo para o carro de boi.

A pecuária na fazenda R. é orientada para a produção de leite principalmente (60 a 80 litros diários), para a cria e a engorda. O gado é de raça mista: Gir, Indu-Brasil e holandês. Tem dois reprodutores, um é de raça Gir e foi comprado numa usina do sul do Estado, o outro é Indu-Brasil e foi comprado através do Serviço de Produção Animal do Estado.

O mapa do gado existente na fazenda R. no 1.º de janeiro de 1966 é o seguinte:

Tabela — Mapa do gado da fazenda R.

Discriminação	n.º	%
novilhos	2	1,1
bois de carro	4	2,2
vacas com cria	44	24,5
bezerras	20	11,2
bezerros	24	13,4
vacas solteiras	28	15,6
novilhas e garrotas	51	28,7
bois e garrotes	6	3,3
Total	179	100,0

Ao qual pode se acrescentar 20 equinos e muares.

A situação da fazenda é privilegiada em relação a muitas outras: no sopé de uma serra úmida. Existe como fazenda desde a constituição das primeiras sesmarias, no fim do século XVIII. A sesmaria foi dividida entre herdeiros e se

constituíram quatro fazendas. A fazenda R. atualmente tem quatro herdeiros (três irmãos e a madrastra) que compraram as partes de outros para evitar o desmembramento da propriedade. Pertencendo à família mais tradicional dessa área, os três irmãos que dirigem a fazenda são "doutores". Um deles é aposentado e vive permanentemente na fazenda.

O pessoal empregado é muito reduzido: um vaqueiro — ligado ao fazendeiro por laços de parentesco, é um primo — que trata do gado e ordenha as vacas com a ajuda de um filho dele. — um cabo do eito que dirige os trabalhadores do eito três dias por semana. — e outro primo que foi chamado como "carreiro" (toma conta do carro de boi), e que finalmente se impôs como conselheiro e agente em matéria de negócios de compra e venda de reses.

Para vacinar o gado — de três em três meses ou de seis em seis meses segundo a vacina — ou ferrar, ajudam um ou dois vaqueiros de fora.

O fazendeiro não admite moradores nas suas terras. O cabo do eito arranja alguns trabalhadores de fora, pagos por diária de 800 a 1.200 crs. segundo o tipo de trabalho. O cabo do eito e os dois primos recebem salários por semana. Tanto os dois primos como o cabo do eito podem tomar as refeições à mesa do fazendeiro e tiram o leite que precisam para a família.

Não se pode falar da pecuária sem evocar a agricultura. Mesmo numa fazenda exclusivamente orientada para a criação, como no caso anterior, uma parte da propriedade é dedicada a culturas. Podem se considerar como culturas as plantações de cana de forragem, de palma e de diversos capins. No caso anterior, o de uma fazenda situada em zona semi-úmida e onde cresce um bom pasto natural, a área coberta de forragens e de pastagens artificiais totaliza 65 quadros (a superfície total é de 250 quadros). É de notar que o

fazendeiro dá geralmente ao agricultor as raquetes de palma para plantar, com a possibilidade de fazer culturas intercalares de milho, feijão, fava e às vezes de mandioca.

Existe no município um costume generalizado que liga mais a pecuária à agricultura. Os fazendeiros dão uma parte das terras a partir do mês de março aos agricultores sem terra ou com propriedade insuficiente para plantar nela milho, feijão e fava. Após a colheita de julho a dezembro, a terra é devolvida ao proprietário que bota nela o gado para comer o restolho. No exemplo anterior, o fazendeiro abriu em março desse ano três mangas de aproximadamente 50 quadros e deu terras a uns oitenta agricultores da vizinhança. Nessas terras se plantam somente culturas temporárias de ciclo curto. A mandioca por exemplo se cultivava em terras próprias ou aforadas.

Entre as pequenas fazendas, muitas são mistas. Ao lado de uma pequena criação, se fazem culturas de algodão, milho e mandioca. Via de regra, o agrocriador é dono de uma casa de farinha que aluga aos agricultores da vizinhança. Contudo, a pecuária vai conquistando terras anteriormente dedicadas à agricultura. Esta pecuária em plena expansão encontra um mercado no próprio município. Agrestina é tradicionalmente um centro produtor de carne de sol, a melhor carne de sol de Pernambuco. Fazendeiro, boiadeiro e marchante (13) — às vezes o mesmo indivíduo — são os três personagens típicos da atividade comercial de Agrestina. Existem 39 marchantes na sede, dos quais 13 vendem parte da carne na própria sede (carne "verde" e carne de sol). Mas a maior parte da produção abastece Caruaru e o Recife com as melhores qualidades de carne, e a zona de Palmares com as qualidades inferiores. A subida dos preços da carne,

(13) — O marchante não é apenas o negociante de gado para os açougues. Ele compra, corta a carne em "mantas" e prepara a carne de sol, que vende fora do município, ou no mercado de carne no dia da feira, juntamente com carne verde.

estabelecidos na capital influi notavelmente sobre o futuro desta "indústria" da carne de sol, cara demais para o Agrestinense, e menos procurada pela gente das cidades. Mas para a carne verde Caruaru e Recife podem vir a ser grandes centros consumidores, uma vez resolvido o problema do condicionamento para o transporte. Portanto a pecuária tem ainda grande futuro em Agrestina.

AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA — AGRICULTURA DE MERCADO

Enquanto a pecuária se torna a atividade mais importante, ou pelo menos mais rendosa do município, a agricultura continua a ser para a maior parte da população a atividade principal e muitas vezes a única fonte de recursos. Recordaremos que 91,8% dos estabelecimentos têm menos de 10 ha, cobrindo a terça parte da área do município, e que estes pequenos produtores vivem essencialmente da agricultura. O desenvolvimento da agricultura de subsistência acompanhou o povoamento do município. Aproveitando as condições favoráveis do clima e do solo, o pequeno agricultor pratica uma grande variedade de culturas tanto para o consumo próprio como para a venda do excedente. Contudo, a partir do fim do século XIX, ele se dedica também à cultura de plantas industriais: café e algodão que são atualmente com a mamona, o açafraão e o sisal as principais plantas industriais do município. Hoje em dia o pequeno agricultor diversificou a produção orientada para o mercado: tomates, fruta (laranja, banana, limão etc.).

No município de Agrestina o clima e os solos permitem uma grande variedade de cultura. Nas zonas mais úmidas, localizadas no norte, brejos, encostas e pés-de-serra, entre os afloramentos de gnaisses, a cobertura vegetal é densa, e a terra é boa. Nelas se encontram os sítios de café, açafraão e fruteiras. Nos pés-de-serra, as terras arenosas convêm para o

plantio de tubérculos: mandioca, macaxeira, cará, inhame. Pelos planaltos do centro e pelas serras secas do sul, a vegetação é de aspecto caatingueiro, mas forma uma cobertura contínua. Os solos são de barro vermelho ou argilosos e próprios para o milho e o feijão e as pastagens. Nas várzeas, acontece que os solos contêm salitre, por exemplo na sede de Agrestina. Aí o verão é mais seco, as fontes secam. O rio Una fica num fio de água, que facilmente se pode atravessar a vau em frente de Sta. Teresa-Araçatuba. Apesar disso nunca falta a água no município. O rio Una e o rio Mentiroso, que atravessa a sede de Agrestina, conservam poças. Além disso existem tanques, barreiros e barragens artificiais ou naturais. O inverno começa em fevereiro ou março e acaba em agosto.

Cultivam-se quase todas as plantas da zona úmida e as das zonas mais secas. No entanto predominam algumas culturas que dão ao município as feições próprias do Agreste. Podem distinguir-se culturas permanentes e culturas anuais ou temporárias. As primeiras são praticadas pelos proprietários ou pelos foreiros. O foro varia com o proprietário e a zona, mais alto no Brejo — 5 a 6.000 crs por quadro, mais baixo no Agreste e na caatinga. Trata-se de fruteiras, de café, açafraão, sisal e tubérculos em certas condições. Ao contrário, as outras culturas são praticadas por todos os agricultores sobre terras próprias ou concedidas por um prazo que se estende de março a outubro, segundo as modalidades que já assinalamos no capítulo dedicado à pecuária. Segundo um processo também usado em Portugal, as plantas são cultivadas associadas. É a prática chamada "tradicional". Encontram-se várias associações:

seja milho — feijão — fava — jerimum,
seja mais frequentemente milho — feijão — fava — algodão
ou associação de duas plantas: algodão e cará, mandioca e macaxeira, mandioca e feijão. Com a palma é comum plantar

mandioca, milho, feijão, fava e algodão. Ao contrário na arboricultura, esse uso é mais raro. Os cafeeiros, as bananeiras por exemplo são plantados à parte. Assim como alguns tubérculos; inhame, batata doce, batata inglesa.

Nas terras úmidas se planta duas vezes por ano: 1) depois das primeiras chuvas de janeiro a março semeia-se a "lavoura", ou seja, milho (14), feijão e fava, cuja colheita se faz de maio a junho (fava, feijão, milho verde) e de outubro a dezembro (milho seco). 2) em agosto se planta a "roça" ou seja mandioca e macaxeira, à medida que se arranca a mandioca do ano anterior, semeando às vezes ao mesmo tempo feijão para ter uma segunda colheita. Pela mesma época se planta o algodão cuja safra se efetua em dezembro-janeiro.

Nas terras secas, se planta tudo ao mesmo tempo, no mês de fevereiro ou março, e depois se fazem as colheitas sucessivas sendo a mais tardia a da mandioca, no fim de 10 a 12 meses.

O milho utilizado é o híbrido, mais resistente, divulgado através da campanha do Serviço de Produção Vegetal (Fomento) ou mais geralmente o milho comum, o mais apreciado. As sementes são conservadas de um ano para outro ou mais frequentemente compradas nas feiras de Agrestina e Caruaru. O feijão utilizado é o mulatinho e o mulatão, às vezes o feijão de corda. A batata doce e o cará dão proveito certo ao agricultor mas são mais exigentes quanto ao solo e ao clima (bastante umidade e solo arenoso) de modo que a sua cultura se limita a certas zonas do município. O cará por exemplo traz lucros interessantes aos pequenos agricultores de Queimada do Pereira há uns dez anos a esta parte.

As culturas de mercado, exceto o algodão, são menos difundidas. O café é restrito às zonas de brejo das serras do norte (serra do *Mendes*, serra da *Quitéria*). Já não se plan-

(14) — Para o milho, diz o ditado: "Quem planta no S. José, colhe no S. João".

tam mais cafeeiros. No primeiro trimestre de 1966 o número de pés novos era de 16.100 e de pés produtivos de 222.000 com uma safra de 36 arrobas (de 15 kg) por 1000 pés. A produção é encaminhada para Caruaru. O açafrão é cultivado nas mesmas zonas. Dá duas colheitas por ano. A produção, que é pouca, vai também para Caruaru. Apesar de ser uma planta de bom rendimento com preço alto, a sua cultura é pouca desenvolvida no município. Diz-se que torna a terra imprópria para outras culturas. É de assinalar o fumo, nas mesmas regiões abrejadas, mas geralmente apenas para o consumo caseiro. Raros são os plantios de sisal. Não existe propriamente plantio de mamona; esta planta serve para formar divisórias entre duas partes da roça ou duas roças.

As fruteiras, laranjeiras, cajueiros, mangueiras, jaqueiras, abacateiros, goiabeiras, bananeiras etc. localizadas nas serras, nas vertentes ou nos pés-de-serra abastecem as feiras de Agrestina e Caruaru. São apenas um recurso subsidiário, assim como as castanhas de caju assadas em casa pelas mulheres. Mas sob a pressão cada vez mais forte do mercado da fruta em Caruaru e Recife, acontece que alguns agricultores desenvolvem o plantio de fruteiras, tal como laranjeiras. Observamos o caso de um pequeno proprietário de 9 ha, que dedicou 3 ha às culturas, entre as quais 550 pés de laranjeiras.

O algodão, ao contrário das outras plantas industriais, é plantado no município por quase todos os agricultores, grandes e pequenos. É o algodão herbáceo, adquirido no Serviço de Produção Vegetal (Fomento). A produção é vendida aos corretores de Agrestina.

O costume de plantar em associação torna difícil a avaliação da superfície ocupada pelas culturas industriais e pelas culturas alimentares no município de Agrestina. Mas se conhecem os rendimentos. Os rendimentos dos principais produtos por quadro de 12.000m² são os seguintes:

milho:	15 a 20 sacos de 60 kg
feijão:	3 a 5 sacos de 60 kg
algodão:	200 kg
mandioca (farinha):	100 sacos de 50 kg ou seja 5 toneladas
batata doce	30 a 40 toneladas
café em coco	5 a 10 sacos de 60 kg

Estas são as médias utilizadas pelo Banco do Brasil. São rendimentos normais dentro da zona.

A cultura que dá mais trabalho ao agricultor e a única cujo beneficiamento se faz dentro do município é a mandioca. É uma das plantas de maior difusão, em todas as partes onde se encontra um solo arenoso, já que fornece um elemento básico da alimentação do agricultor: a farinha. Calculamos que para plantar um quadro de 12.000 m² com mandioca, um homem, trabalhando só, precisa de 50 dias para preparar o solo e plantar (brocar o mato, covar e plantar numa base de 100 covas por carreira), de 20 dias para a primeira limpa, de 10 dias para a segunda limpa e de 10 dias para a terceira, de 20 dias para arrancar, ou seja perto de quatro meses de trabalho. Um quadro plantado com mandioca equivale a quatro meses de trabalho para um homem, da preparação até ao arranque, operações feitas no decorrer de um ano. Uma carreira boa de 100 covas dá uns dez balaies, ou seja três prensas. Uma prensa dá uns 50 kg de farinha. A fabricação da farinha ocupa quatro a cinco pessoas. 4 e 1/2 horas são necessárias para cevar, prensar, peneirar e secar uma prensa. O preço de compra da farinha é de 2.400 a 2.800 crs a cuia de 10 kg.

As casas de farinha são numerosas e espalhadas entre os lugares produtores de mandioca. Em 1966 existiam 213 casas de farinha dentro do município, das quais 73 no principal centro de produção, o lugar de Água Branca. Quase todas elas são de tipo tradicional, ou seja manuais.

Assim os agricultores do município permanecem fiéis ao sistema tradicional de culturas em associação, o qual permite a policultura em pequenos terrenos deixando os outros terrenos livres para a pecuária; policultura que varia segundo as zonas, a extensão e as qualidades da terra, mas que inclui sempre, ao lado de culturas de subsistência, uma ou duas culturas comercializáveis; policultura essencial para a sobrevivência do grupo mais pobre. A produção do pequeno agricultor que possui menos de 10 ha de terras é vendida diretamente nas feiras de Agrestina ou de Caruaru, ou então vendida aos corretores de Agrestina que a revendem aos atacadistas de Caruaru. O pequeno agricultor não tem possibilidades de estocagem da produção — exceto a da mandioca que permanece na terra até 3-4 anos. Muitas vezes a parte conservada para o consumo próprio é insuficiente. Além disso tem de comprar as sementes para as novas plantações.

A situação do agricultor que possui mais de 10 ha é diferente. Já pode assegurar sem dificuldades o consumo próprio. Geralmente, conserva a maior parte das suas terras (2/3 em média) para uma pequena criação. Além das pastagens artificiais que estão se generalizando rapidamente no município, e do plantio da palma, aproveita uma parte dos cereais (milho) para arração do gado. Quanto aos grandes proprietários, as culturas que fazem são destinadas na sua quase totalidade ao arração. Eles possuem silos de trincheira (ou pretendem mandar construir em breve) ou armazéns. É que atualmente nenhuma cultura dá tanto lucro como o gado de criar. (15) De tal maneira que mesmo o pequeno proprietário que possui 3 ha e mais, cria uma vaca, um ou dois porcos. Às vezes, este mesmo agricultor faz sua lavoura em terras concedidas pelos fazendeiros em troca do restolho, para dedicar suas próprias terras à criação de uma ou duas re-

(15) — Constitui uma exceção o caso de um fazendeiro que empreendeu a cultura dos tomates, cuja produção é vendida em Caruaru.

ses. Mas a diferença entre duas ou três cabeças de gado e várias centenas ou um milhar ilustra o desnível que se vai acentuando entre os pobres e os ricos.

CONCLUSÃO

A fisionomia do município está se transformando. Por um lado, observa-se um retalhamento excessivo da propriedade. Segundo a nossa amostra, 76,7% dos estabelecimentos do município têm menos de 5 ha. Por outro lado, extensas fazendas — extensas relativamente à zona — puderam se constituir pelo ajuntamento de fazendas mais antigas e por compras sucessivas de propriedades. O pequeno agricultor e o grande fazendeiro já não têm nada de comum. O primeiro tem de cultivar um mínimo de 2 a 3 ha para sustentar uma família de 5 pessoas, permanecendo indefeso perante as variações climáticas e as flutuações do mercado, de que ele depende estreitamente. Abaixo de 2 ha de culturas, deve contar com outros recursos. Emprega-se como trabalhador agrícola no município ou na zona canavieira na época da safra, ou exerce outra atividade: carvoeiro, comerciante ambulante, artesão etc. Os mais jovens migram para S. Paulo. Ao contrário o grande fazendeiro, que muitas vezes dispõe de outras fontes de rendas (profissão liberal, alto funcionário) se orienta para uma pecuária comercial. Vive afastado da sua fazenda onde só passa alguns dias de férias ou de fins de semana, e onde recebe amigos da cidade. A atividade pecuária segundo os métodos modernos constitui para ele um investimento seguro e rendoso.

O contraste entre a riqueza e a pobreza que se vai acentuando no Agreste pernambucano se encontra igualmente no Agreste paraibano. Num estudo dedicado à região de Solanea, Gérard Prost mostra a importância do desnível entre o grande proprietário que dá à sua atividade uma orientação unicamente comercial, e o pequeno agricultor que pratica uma policultura apenas suficiente para assegurar o sustento da família.

No entanto em Agrestina não se observa um contraste tão marcado. Ainda existe um grupo intermédio de agricultores em plena atividade que mantêm uma tradição de equilíbrio, baseada na economia mista, a qual aparece como traço característico desta região. Embora eles dêem sempre a preferência à pecuária quando procuram desenvolver os seus estabelecimentos, contudo permanecem fiéis à policultura, produzindo para vender. Pois não se deve desprezar um fator preponderante na evolução do município de Agrestina: a proximidade de Caruaru, que é um dos maiores mercados do interior do Nordeste. (16) Todo o excedente da produção agrícola de Agrestina vai direta ou indiretamente a Caruaru, que é também um grande mercado para a carne de sol de Agrestina. Agrestina cujo desenvolvimento foi notavelmente prejudicado pelo crescimento prodigioso de Caruaru, há-de ser beneficiada pela prosperidade dessa cidade, em troca do abastecimento que lhe fornece. Por outra parte, as necessidades do abastecimento de Caruaru e do Recife garantem a permanência da agricultura no município de Agrestina, talvez com mais especialização nas culturas alimentares.

Referências Bibliográficas

ANDRADE Manuel Correia de — *A Pecuária no Agreste pernambucano*, Recife, 1961. — *A terra e o homem no Nordeste*, Ed. Brasiliense, S. Paulo, 1963.

— "Estrutura fundiária e tipos de exploração agrícola em Pernambuco", *Cahiers des Amériques Latines*, 1968, n.º 2, págs. 160-172.

(16) — Para compreender a importância da influência exercida por Caruaru sobre as populações circunvizinhas, ver o artigo de José Hesketh Lavareda.

DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA PERNAMBUCANA. Sesmarias,
Vol. I, II e IV, Recife (1954, 1955 e 1959).

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, XVIII
vol. Rio de Janeiro, 1958.

"Idéia Geral da Capitania de Pernambuco e suas anexas etc."
ANAIS da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Vol.
XL, pág. 100 e segs.

LAVAREDA, José Hesketh. "As migrações internas: Caruaru,
um dos seus centros detentores" *Boletim do IJNPS*, n.º
9, Recife, 1960, págs. 7-41.

PROST, Gérard. "Grande et petite propriété dans le Nord-Est
du Brésil, exemple pris dans la région de Solanea", *Geo-
graphica*, Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa,
Ano VI, n.º 24, Out. 1970, pág. 24-50.

SINÓPSE DO CENSO AGRÍCOLA, IBGE, VII recenseamento
Geral do Brasil, 1960.

ANEXO I — Sesmaria

Francisco Soares Quintão com trez legoas de terra de comprido e uma de largo na Freguesia de Garanhuns.

Manoel da Cunha Menezes do Conselho de Sua Magestade Fidelíssima, seu Governador e Capitão General de Pernambuco, Parahiba e mais Capitánias annexas etc. — Faço saber aos que esta carta de data de doação virem, que havendo respeito a Francisco Soares Quintão me representar em seu requerimento, que na Freguesia de Garanhuns (1) tem varias cabeças de gado vaccum e cavallar, e por que não tinha terras para os beneficiar, e n'aquelle sertão se achava devoluta uma propriedade de terras de criar ditos gados, (2) me requeria trez legoas de comprido e uma de largo pegando do Norte no pé da Serra do Mendes e no olho d'água, e cortando para o Sul, contestando com a sesmaria em que faz barra chata,

(1) — Nessa época o território de Agrestina dependia da freguesia de Garanhuns que constava de 3.669 habitantes em 1774. Ver "Idéia Geral da Capitania de Pernambuco e suas annexas", etc. em Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Vol. XL.

(2) — As sesmarias eram localizadas à margem dos rios, possuíam três léguas de comprimento por duas de largura (1 em cada margem). Eram pedidas para fazer nelas criação de gado. Geralmente estendiam-se até as serras, nos brejos onde o pessoal que tratava do gado podia fazer suas culturas de subsistência. Ver Manuel Correia de Andrade, *A pecuária no Agreste Pernambucano*.

(3) pegando parte de Leste e cortando para o Este pelo rio de Una a cima em que o Poço chamado de Sta Thereza, cortando para-o-Norte-do primeiro rumo em procura d'Alagoa chamada do Genipapo e contestando com terras que forão de Francisco Velho afixar na serra, logrando todos os meios de uma serra a outra para criação de seus gados — E sendo por mim visto o seu requerimento, ordenei por despacho meu de 27 de Abril do corrente anno aos Officiaes da Camara do respectivo Districto, mandassem affixar na dita Freguesia Editaes para se saber de certo estar ou não devoluta a mesma terra, e haver ou não terceiros prejudicados, e constando-me por informação dos ditos Officiaes que assim o mandarão executar, que não houve pessoa alguma que aos ditos Editaes sabissem — Por outro meu despacho com data de 15 de Maio, mandei ouvir ao Contador e mais officiaes da Contadoria da Real Fazenda, e como todos uniformemente me responderão estar nos termos de se dar ao Supplicante de sesmaria a terra pedida, pagando annualmente o foro competente. — Ultimamente mandei por despacho de 28 do mesmo mez de Maio, assim se executasse em cumprimento do qual, e pela faculdade que Sua Magestade Fidelissima me permite no Capitulo 15.º do Regimento d'este Governo. Hei por bem dar em nome do dito Senhor ao mesmo Francisco Soares Quintão, de sesmaria na Freguesia de Garanhuns as trez legoas de comprido é uma de largo no referido lugar pedido e confrontado no seu mesmo requerimento, ficando a legoa de permeio para logradouro dos ereos confinantes, pagando o foro de quatro mil réis por legoa em cada um anno, visto ser de distancia de mais de trinta legoas d'esta praça, como determina a Real Ordem de 28 de Setembro de 1700, cuja terra possuirá e go-

(3) — A primeira sesmaria concedida na região do município em 1749 abrangia uma pequena parte da sua extensão atual: Carta de doação e sesmaria do Coronel Cristovão Pinto d'Almcida e do Capitão-Mór Domingos Bezerra Cavalcanti. "... pedia junto como cap.-mor Domingos Bezerra Cavalcanti a terra que se achasse devoluta da Barra da Chata até a caxoeira grande ao nascente do seo citio que poderião ser seis ou oito legoas ou o que na verdade fosse e de largo para uma e outra parte do Rio Una até ao pé das serras que o acompanhão...". Esta sesmaria foi novamente pedida em 1773 por Antonio Pereira de Carvalho, e depois em 1801 por Antonio da Silva, Vol. III.

sará elle supplicante e seus herdeiros ascendentes e descendentes, como sua que fica sendo de hoje para todo sempre com todos os seus pertences, matas, campos, lagoas, rios, fontes, pontes, testadas, logradouro, e mais uteis que ella comprehender, não prejudicando a terceiro e não passará a dita á religiões e pessoa ecclesiastica, salvo for com os mesmos encargos com que a possuem os seculares, sendo obrigado a dar ao Conselho caminhos livres para fontes, pontes e pedreiras, e requerer dentro de trez annos confirmação real, medição e demarcação, povoal-a e cultural-a tudo na conformidade da Ordem regia de 20 de Outubro de 1753, e não o cumprido assim, se dar por devoluta e novamente ser conferida a quem a requerer, pelo que ordeno aos Ministros da Fazenda e Justiça e mais pessoas a quem tocar, cumprão e fação cumprir e guardar esta carta de data de sesmaria como n'ella se contem, fazendo ar ao Supplicante a posse real effectiva e actual na forma costumada debaixo das clausulas referidas e das mais da ordenação titulos de sesmaria. Em firmeza do que lhe mandei passar a presente por mim assignada e asellada com o signete das minhas armas, que se registrará na Secretaria d'este Governo, e Contadoria da Real Fazenda. Dada no Recife de Pernambuco aos sete dias do mez de Dezembro — Francisco Gonçalves Reis Lisboa Official Maior da Secretaria do Governo a fez. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1770 (4) — O Secretario do Governo José Gonçalves da Fonseca a fez escrever — Manoel da Cunha Menezes —

DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA PERNAMBUCANA, Sesmarias, Vol. II, pp. 217-219
Recife, 1955

(4) — Posteriormente foram concedidas outras sesmarias que abrangiam parte do município em 1816; sesmaria de Marechal Monteiro Paes da Rocha Lira de pouco mais ou menos meia légua, entre as sesmarias do Gado Bravo, Riachão e terras dos herdeiros de Francisco Xavier Correia de Sá ao pé da Serra do Mendes. (Vol. IV, p. 24). Em 1823, João Henrique Segert, Suíço de Genebra recebeu uma sesmaria de uma légua quadrada no lugar da Ribeira do Una, comarca de Garanhuns. (V. III, pp. 156 à 160).

ANEXO II — Tabelas Estatísticas

1) Animais abatidos para o consumo — 1964

	Bovinos	Suínos	Ovinos	Caprinos
Agrestina	3.839	2.305	161	277
Caruaru	12.937	15.758	6.288	10.430
Poção	209	1.302	855	630
Total da zona	81.006	110.449	63.458	101.888

2) Produção de carne e toucinho para o consumo (por kg) — 1963

	(carne) Bovinos	Suínos		T	Ovinos (carne)	Caprinos (carne)
		carne	toucinho			
Agrestina	558.020	49.260	32.840	82.100	1.350	5.172
Caruaru	2.212.940	337.740	222.760	560.500	56.430	63.228
Poção	25.840	27.540	18.360	45.900	15.135	12.552
Total da zona	12.846.030	2.827.626	1.866.060		974.040	1.186.140

3) Produção Agrícola

Produtos	Area cultivada (ha)		Quantidade produzida		Valor da produção cr\$ 1.00	
	1963	1964	1963	1964	1963	1964
Abacaxi	92	47	3.390 cento	2.625 cento	17.560	21.000
agave	40	40	15.000 kg	15.000 kg	600	825
algodão em caroço	584	582	7.265 arrobas de 15 kg	7.171	10.938	28.779
banana	8,1	8,2	34.000 cachos	36.000	13.600	21.600
batata doce	8	10	42 toneladas	162	420	2.041
café em coco	118,6	118,0	8.300 arrobas de 15 kg	8.028	8.300	16.056
cana de açúcar	39	16	676 toneladas	390	2.704	2.340
coco da praia	0,4	0,4	39 centos	36	312	288
fava	1.151	755	11.410 sacos de 60 kg	7.550	66.178	75.500
feijão	3.203	3.769	19.180 sacos de 60 kg	19.442	167.699	282.418
fumo	29	25	590 arrobas de 15 kg	484	2.065	2.516
laranja	2,9	2,9	2.460 centos	2.244	2.460	5.610
mamona	148	129	132.440 kg	92.336	7.546	9.232
mandioca	973	894	18.655 toneladas	16.472	190.800	268.076
milho em grão	4.390	3.328	70.000 sacos de 60 kg	63.250	196.000	379.500

